UM MUNDO EM MOVIMENTO: OS PARINTINTIN[1]

WAUD H. KRACKE
Universidade Illinois, Chicago

JOSÉ CARLOS LEVINHO
Museu do Índio/FUNAI

O mundo Parintintin é um mundo em movimento: os grupos locais deslocam-se constantemente. Durante a época das chuvas, as famílias de um grupo local se espalham para o centro – para dentro da mata, rio acima, para tirar sorva, caçar e fugir das enchentes. Antes do contato, um aldeamento poderia permanecer em um determinado local por um período entre cinco a dez anos, conforme a disponibilidade de recursos nele existentes. A presença de Postos do Serviço de Proteção aos Índios-SPI e da Fundação Nacional do Índio-FUNAI, com suas escolas e farmácias, assim como a necessidade de estar próximo aos centros comerciais para vender e comprar produtos, fez com que alguns aldeamentos fossem sedentarizados. Mesmo assim, observa-se que, por diferentes motivos, grupos ou indivíduos deslocam-se de uma localidade para outra com certa regularidade.

A composição dos grupos também varia muito ao longo do tempo. Pessoas com problemas de relacionamento se afastam para evitar o conflito – a expressão aberta de antagonismos é sempre que possível evitada na sociedade Parintintin – transferindo-se para outros grupos locais.[2] Também se

1. Versão modificada da comunicação apresentada no Grupo de Trabalho nº 7, *Questões da Etnologia Indígena da América do Sul Tropical*, da XX Reunião Brasileira de Antropologia, em Salvador, Bahia, de 14 a 18 de abril de 1996.

2. A partir de uma investigação mais detalhada, percebemos que o motivo do desmembramento de diferentes grupos, atribuído à morte, doença, pouca disponibilidade de recursos

abandona o grupo à procura de áreas com maior disponibilidade de alimentos e de recursos naturais (sorva, madeira, castanha, etc.). Não raro um homem funda o seu próprio grupo local.

O ciclo de reprodução Parintintin exige deslocamento. Um grupo se constitui em torno de um homem com filhas casadas – com genros – pois a relação sogro-genro é a única relação de autoridade incontroversa na sociedade Parintintin – secundariamente, o cunhado, irmão da esposa, também tem uma autoridade derivativa sobre o marido da irmã. Um homem só se torna chefe de grupo – necessariamente novo – quando abandona um lugar acompanhado de suas filhas e genros e vai para um novo local.

Este lugarejo, geralmente um lugar não previamente ocupado por Parintintin – o lugar que o novo chefe "abre" –, é chamado de *ga'gwyr,* "o lugar dele". Se ele permanecer chefiando o grupo, seguirá, após alguns anos, para um novo lugar, na maioria dos casos rio acima – ou, pelo menos, na direção da fronteira de expansão da sociedade Parintintin – onde reconstituirá o grupo. Se for um chefe bem sucedido, além dos genros e cunhados, novos membros se juntarão ao grupo, no novo lugar, que se constitui novamente em *ga'gwyr.* Geralmente, um chefe passa por uma série de lugares – abrindo alguns, voltando para outros já por ele abertos – dentro de uma região determinada, que é *ga'yvy,* "a terra dele." O *ga'yvy* de um chefe pode corresponder geograficamente ao vale de um determinado afluente.

Para exemplificar, temos a trajetória de Pyrehakatú, que, no fim do século XIX, saiu do "lugar" de seu pai no rio Maicí para abrir outro no alto Ipixuna, um rio paralelo, levando consigo dois cunhados, Kyryta'ga e Iguaku'ga. Ele abriu o "lugar" *Jagua'i*, que se chamou *Pyrehakatu'ga'gwyr.* Daí, ele foi se deslocando, rio abaixo, para Gwyvaty'vi, e depois para o local conhecido como repartimento do Ipixuna, chamado *Hembyahav.* Em seguida, abriu um novo lugar no outro braço do Ipixuna, o igarapé *Yomokó*, onde permaneceu alguns anos antes de voltar para o Repartimento. Com o

---

naturais, ou simplesmente enjoar do lugar, na maioria das vezes encobria problemas de relações interpessoais. E que sempre que abandonavam um lugar, alguns indivíduos procuravam juntar-se a outros grupos ou, idealmente, formavam o seu próprio grupo. Isto, de certo modo, ocorre mesmo quando mudam para a cidade.

tempo, continuou abrindo novos lugares Ipixuna abaixo – de modo que este rio se constituiu em seu *ga'yvy*.

Assim, o movimento espacial é fundamental para a estrutura social Parintintin. Isso se verifica nas direções cardeais, que são, para os Parintintin, *nhande tenondépe* e *nhande rakykwéri* – "adiante de nós" (rio acima) e "atrás de nós" (rio abaixo). Essas dimensões do mundo se referem ao mito de origem do povo Parintintin, segundo o qual eles começaram em um lugar bem rio abaixo, onde não havia árvores. Seguindo a liderança de Ika'apytimba'ví, embarcaram numa viagem para atravessar as águas, passando três dias sem ver a terra. Continuaram a viagem subindo o Amazonas, e depois o Madeira, até chegar à boca do Maicí. Depois, subiram o Maicí, deixando casais em cada lugar de habitação.

O ato de abrir um lugar não previamente ocupado para fundar um novo grupo local é indispensável para a reprodução da estrutura social Parintintin. Mesmo no caso de um filho que sucede ao pai na chefia do grupo, o estabelecimento de um novo lugar é o ato simbólico que autentica a liderança do filho.

Assim o corrobora o mito de Pindova'umi'ga, que merece a denominação de mito cosmológico dos Parintintin porque ordena os setores da cosmologia: ele descreve todas as partes do universo habitadas por seres – o céu, a água, o solo (onde estão os *anhang*, "fantasmas") e o nível superior do céu, onde moram os *Yvaga'nga*, "os celestes".

A história de Pindova'umi'ga é o modelo de viagem cósmica que o espírito do pajé faz quando, no ritual de tratamento xamânico dos Parintintin, ele entra na tocaia – pequeno abrigo de palha, construído no terreiro, onde o pajé entra em contato com os espíritos – e convida os espíritos de todas as partes para ajudá-lo na cura do paciente. As peregrinações do espírito do pajé seguem a mesma seqüência das viagens de Pidova'umi'ga, no mito, aos diversos setores do universo.

O mito de Pindova'umi'ga

Os filhos de Pindova'umi'ga brigaram na mata e reclamaram um do outro ao pai. Pindova'umi'ga ficou com raiva e disse: "Vou levar vocês para longe! Vou levar vocês para longe, para se perderem! Não gosto da gente daqui!" (referia-se a nós, comentou o narrador). Então, ele foi espiar o céu, mas lá havia urubu por toda parte. Voltou e contou: "Tem urubu lá!". Em seguida, ele entrou

na terra, onde viu *anhang*. Voltou e contou a todos. Então, ele mergulhou na água. E lá...viu peixe. Voltou e disse à esposa: "Tem muito peixe!". Aí, ele entrou num tronco. Tem mel, tem mel dentro da árvore! E ele foi de novo ao céu. Existem dois céus, não é? O céu é dividido, e ele foi para o segundo nível do céu. Não tinha mais urubu – *momina hurubu*. Então, ele voltou e disse à sua família: "Nós vamos lá. A mata aqui não presta. Lá, ela é bonita, *ikatú ka'gwyra*".

Aí, as crianças perguntaram: "Onde é que vamos brincar?". Ele respondeu: "Vou levar tudo – a casa, a terra, os caititus. Vou levar tudinho". Levou-os todos: Kwatijakatui'ga, Arukakatui'ga, Mbirava'umi'ga e Pyraharamarano'ga. Foram para cima da casa. Os filhos e a esposa o ouviram cantar:

Karamemua nhatiman i
Oré rerogwówo rimba'e, iaaà.

[Com raiva das coisas, danço, iii! Para levar nos outros, há muito tempo, iaaa!]

Assim, levou a casa, e ele e seus filhos ficaram lá, em cima dela. Não queria que os outros fossem, só seus quatro filhos e sua esposa. Ele jogou um pau, que virou poraquê. Jogou um pedaço de lenha, que virou jacaré. Ele jogou o abano do fogo, que virou arraia. Nós ficamos cá embaixo e ele foi embora. Deixou-nos a terra do jeito que é, só pau, toco. E nós, tristes. Estamos todos juntos nesta terra – não há outra. Nós ficamos, não é? Nunca mais nós o vimos. É Kagwhív. Kagwhív, não é? Não sei se ipají, não é, é ipají. ... É, Mbiraova'umi'ga *ipajiheté*, muito pajé. É *nhanderuvihav*, chefe.

A fundação do céu, da aldeia dos Celestes, é, como a criação de qualquer novo grupo, uma separação. O jovem chefe vai à procura de melhor terra, melhor caça, e se afasta dos outros. E o motivo da separação é a discordância que vem da aglomeração: "nós ficamos aqui, tristes (*ndovy'ári*) – nos ajuntando (*ojatyká*)". Outros mitos destacam o perigo do desacordo que surge da coabitação e mostram como uma desavença leva à separação; como, por exemplo, o mito de Bahira brigando com o seu companheiro Itariano'ga, que termina como a história de Pindova'umi'ga: Bahira leva a casa e a família para longe, para nunca mais ver Itariano'ga.

A lógica do movimento

Essa ótica dos Parintintin, encapsulada nos principais mitos, explica o aspecto aparentemente centrífugo da sociedade. Há uma disposição pronun-

ciada à fissão, uma rivalidade mais ou menos intensa entre os grupos locais vizinhos, muitas vezes de origem comum criados a partir de uma cisão, e uma forte tendência a se afastarem uns dos outros.

Essa tendência centrífuga da sociedade Parintintin, que se manifesta claramente na necessidade de abrir novo espaço para a reprodução do grupo social, entra em choque absoluto com a necessidade igualmente enraizada na nossa sociedade de instituir limites. Poucos homens não-índios casados com mulheres Parintintin tentaram impor novas fronteiras entre os grupos locais, o que provocou forte reação nos outros membros da comunidade Parintintin. Nas reservas, a tendência tradicional prevalece sobre as tentativas dos jovens regionais de traçar outras fronteiras entre territórios individuais e grupais. Porém, é mais difícil superar os limites impostos ao território Parintintin pela sociedade nacional, o que representa um elemento potencialmente desagregador para a sociedade Parintintin.

Como é que os Parintintin se adaptam ao conflito entre os padrões de reprodução do grupo e as novas necessidades advindas do contato?

O caso Carlos Parintintin

Para melhor entendermos essa característica Parintintin descreveremos a trajetória dos deslocamentos feitos por Carlos e as razões que o levaram a abandonar os diferentes lugares em que viveu. Este caso foi usado porque melhor exemplifica o que poderíamos chamar de "o ideal Parintintin".

Carlos era um jovem adulto que, segundo os critérios tradicionais, estava apto à formar seu próprio grupo. Cresceu numa parte do território Parintintin, perto de Calama, abandonada quando o seringal foi vendido.

Ao casar, Carlos foi morar no Uruapiara onde brigou[3] com o seu cunhado mais velho, quando ainda lhe devia, senão obediência, pelo menos respeito, pois não havia concluído o serviço da noiva. Em seguida, mudou

3. Como brigas de fato ocorreram, sem que estivessem bêbados, única possibilidade que não resulta em conseqüências mais graves, pode-se dizer que houve, de certo modo, uma perda da eficácia do princípio de que, nas situações de fricção irredutível, o indivíduo abandona o grupo, a fim de evitar o conflito. Este princípio pode ser percebido no mito de Bahira fugindo de Itarino.

para junto de seu sogro no igarapé Traíra, onde se envolveu, após vários pequenos atritos, em uma violenta briga com o chefe do lugar. O incidente, segundo versões, ocorreu devido ao fato de que Carlos questionou abertamente a legitimidade do chefe, sob o argumento de que não havia vingado um de seus cunhados, morto em acidente de carro na Transamazônica.[4]

Tendo de sair do Traíra, restou-lhe como alternativa, dentro do território Parintintin ainda não ocupado pelos regionais, apenas o igarapé Pupunhas, onde os membros do grupo lhe deram um lugar para construir uma casa e, em um outro, autorizaram-no a trabalhar na sorva.

Assim que chegou às Pupunhas, ficou evidente a preocupação de Carlos em agradar as pessoas. Praticamente todos os Parintintin do lugar se referem a ele com expressões do tipo "ele gosta muito de mim, me dá café, açúcar...", "me deu um alqueire de farinha quando veio torrar na minha casa", ou "me ajudou a abrir a roça com a moto-serra", "cuidou de mim quando estava doente", "ele queria me levar para me tratar em Porto Velho".

Mas não demorou muito para que Carlos se envolvesse em problemas. A sorva era o único meio de obter recursos nas Pupunhas e os "donos" dos sorvais já manifestavam a intenção de não mais permitir que ele continuasse explorando-os. O argumento utilizado era de que Carlos tirava muita sorva e que precisavam preservar os sorvais para seus filhos. Mas, por outro lado, os "donos" dos sorvais continuavam a convidar regionais para, como "companheiro de serviço", trabalhar na sorva . Essa ambigüidade fica mais acentuada quando se sabe que os regionais nada pagam pelas grandes quantidades de sorva que costumam retirar, o que é motivo de constantes reclamações por parte dos Parintintin. Outro aspecto contraditório é que um dos "donos" dos sorvais, considerado extremamente pobre por viver em condi-

4. Em 1986, José, um dos filhos do sogro de Carlos, juntamente com outros Parintintin, inclusive Carlos, foram passear de carro dirigido por um regional. Todos estavam bêbados. Em um trecho da Transamazônica o motorista perdeu o controle da direção e bateu. José foi jogado para fora do carro, tendo morte instantânea ao se chocar contra uma árvore. Segundo contam os Parintintin, Carlos, inconformado, insistia sobre a necessidade de vingá-lo, "porque os brancos estão acostumados a matá-los". Assim, acabou convencendo Pedro Parintintin que, de espingarda, matou o motorista do carro no local do acidente. Portanto, na realidade, José foi vingado. O que Carlos questionava era o fato de o chefe não ter tomado a iniciativa para vingar um Parintintin morto.

ções próximas à miséria absoluta, era o que mais reclamava da presença de Carlos, apesar de reconhecer que tinha sido muito bem remunerado por ter lhe permitido explorar o sorval.

O que é ambíguo no comportamento dos "donos" de sorvais deixa de ser quando levamos em conta o conceito de chefia Parintintin. A chefia está relacionada ao lugar. Um indivíduo é chefe do lugar onde mora porque o abriu, herdou de seu pai ou porque lhe foi permitido constituir um grupo em um local já explorado. O chefe tem a obrigação de cuidar do lugar, o que implica cuidar das pessoas que nele vivem, incluindo a responsabilidade de alimentá-las. A sua mais importante atribuição consiste em repartir – *oma'e* – os alimentos, sobretudo a caça. O conceito *oma'e* significa "repartir com os outros a caça que eu matei". Mas é o chefe quem faz a partilha no lugar do caçador que, como forma de reconhecimento de sua autoridade, lhe entrega a caça.

Pode-se dizer que Carlos, de certo modo, embaralhou categorias Parintintin. Tanto no Uruapiara quanto no Traíra e nas Pupunhas, a expectativa em relação a ele era de que acatasse a autoridade – adquirida por herança – dos donos de lugar. O fato de ter manifestado descontentamento em relação ao chefe é algo previsível e até aceito. O serviço da noiva é a única situação conhecida em que um indivíduo deve prestar certa obediência a outro e, mesmo assim, durante um período de tempo limitado, de no máximo cinco anos. Em casos de desentendimento, principalmente com o chefe, a atitude de um modo geral adotada é simplesmente ir embora sem partir para o confronto. Este, inclusive, é o principal motivo de Carlos nunca ter conquistado aliados, sempre que esteve envolvido em conflitos. Mesmo no Traíra, onde brigou com o chefe do lugar sob o pretexto de que ele nada tinha feito em relação à morte de seu cunhado, não conseguiu o apoio de seu sogro e cunhados – pai e irmãos do morto. Para ser preciso, o sogro de Carlos não permitiu, em momento algum, que seus filhos fossem em socorro do genro, nem mesmo para separar a briga.

Nas Pupunhas, o interesse em cuidar das pessoas acabou gerando desconfianças. Afinal, quem deve desempenhar esse papel é o chefe, ou seja, aquele que tem um lugar. Assim, não demorou para que os donos dos sorvais, que viam inicialmente Carlos como um meio de reforçarem o seu prestígio, passassem a encará-lo como uma ameaça. Quando perguntamos a um morador das Pupunhas sobre os motivos que levaram Carlos a ter tantos

problemas em diferentes lugares, a resposta dada foi que "ele tem ciúmes das cunhadas e quer mandar".

A questão sobre o acesso aos sorvais sofreu, por iniciativa de Carlos, a intervenção da FUNAI. Depois que se mudou para as Pupunhas, passou a ir com freqüência à Casa do Índio, de Porto Velho, tratar da saúde de seus filhos. Nessas viagens, discutia a situação das Pupunhas com os administradores da FUNAI, principalmente os problemas que mais lhe afetavam, como os relacionados aos sorvais. Num desses contatos, conseguiu convencer a direção do órgão sobre a iminência de um conflito na área. Para discutir o problema, foi realizada uma reunião em Porto Velho com os principais moradores das Pupunhas. Na reunião, a orientação dada pela FUNAI foi a de que não-índios não devem ter acesso à área indígena e que os recursos nela existentes pertencem a todo o grupo. Obviamente esse argumento – já conhecido por Carlos – lhe convinha, visto que, de acordo com a maneira Parintintin de encarar a questão, nas Pupunhas ele não possuía "direito" algum.

Somente um influente Parintintin das Pupunhas se negou a participar da reunião. Esse Parintintin, em meados de 1989, convidou um regional para, na condição de "companheiro de serviço", trabalharem na extração de sorva. Carlos, quando soube, enviou-lhe uma carta informando que a FUNAI não queria brancos dentro da área indígena. Ao tomar essa atitude, Carlos tinha perfeita noção de suas conseqüências. A não-ingerência na vida dos outros é um importante valor para os Parintintin.[5] Além do que, o Parintintin por ele notificado tinha temperamento difícil, fazendo com que todos aqueles que viviam próximos a ele se afastassem, inviabilizando sua pretensão de ser reconhecido como chefe das Pupunhas. Ocorreu uma violenta briga. Desta vez nem Carlos nem o outro Parintintin saíram do lugar, ficando claro que o conflito deveria ter um desfecho, possivelmente mortal para um dos dois.

Assim, depois desses incidentes, em todos os lugares onde existem aldeamentos Parintintin, já não mais restava alternativa a Carlos senão

---

5. Desde a infância os Parintintin possuem total independência. A criança é considerada uma pessoa com vontade própria, capaz de tomar as suas próprias decisões. Em relação ao chefe, um de seus principais atributos é não contrariar a vontade de seus seguidores, deixando espaço para que eles tomem as suas próprias decisões.

mudar para um local distante, provavelmente a cidade. De fato, já planejava a mudança, sob a justificativa de que o Pupunhas era um lugar doente para criar crianças.[6] Todavia, um conjunto de circunstâncias[7] fez com que Carlos não seguisse na mesma direção que outros Parintintin, com experiências até certo ponto semelhantes. Como quem só tem uma opção, Carlos se empenhou de forma decisiva no sentido de retirar um "invasor" da área indígena.[8]

No início de janeiro de 1990, ele conversou diretamente com o "invasor" para que saísse da área. Em seguida, telefonou para a FUNAI de Porto Velho, avisando que os Parintintin iam usar a força para retirá-lo.[9] Nesse

---

6. Dois filhos de Carlos morreram no igarapé Pupunha antes de completarem um ano de idade.
7. Essas circunstâncias podem ser definidas nos termos de Sahlins (1990: 171), quando usa a noção de *estrutura da conjuntura*, como "um conjunto situacional de relações, cristalizadas a partir das categorias operantes e dos interesses dos atores".
8. Em 1985, as áreas Parintintin foram identificadas pela FUNAI. O limite da área, no lago das Pupunhas, é um pequeno igarapé, denominado pela equipe de identificação de igarapé do Índio. Esse foi o nome atribuído ao igarapé pela maioria dos moradores da região consultados, mas não foi o único. Os índios não o nominaram. Esse limite foi estabelecido visando incluir na área a estrada de seringa e a ponta de castanha de um índio que mora no local. Nessa região incide parcialmente uma propriedade titulada, que não estava ocupada na época em que foi feita a identificação. Todavia, no ano seguinte, a propriedade é arrendada pelo inventariante. O arrendatário, visando impedir os constantes saques aos recursos existentes na propriedade – castanha, seringa e outros –, passou a ameaçar todos os moradores das redondezas, inclusive os Parintintin, tornando-se conhecido como um homem violento. Não demorou muito para que os índios, em particular Carlos, passassem a reivindicar junto ao responsável da FUNAI, em Humaitá, que o invasor fosse retirado. O funcionário da FUNAI, alegando pouco esclarecimento quanto aos limites da área, afirmava que seria necessário realizar novos estudos. Na realidade, a situação era confusa porque a área não estava demarcada e as terras, apesar de terem sido ocupadas depois da identificação dos limites, eram tituladas.
9. O funcionário da FUNAI, em Humaitá, estava subordinado à Superintendência de Manaus, tendo sido transferido, no segundo semestre de 1989, para outra cidade. Isto possibilitou a Carlos abandonar as gestões que vinha fazendo, sem sucesso, junto à Superintendência de Manaus para retomá-las com a FUNAI de Porto Velho. O interesse da FUNAI de Porto Velho em atuar naquela região pode ser definido como circunstancial visto que, apesar de estar próxima a Porto Velho, nunca mereceu maiores atenções, em outras épocas. A questão é que, nos últimos anos, a administração central do órgão esvaziou politicamente essa unidade administrativa, que chegou a ter, em determinado período, apenas duas das quase 30 áreas indígenas que já estiveram sob a sua jurisdição. Portanto, a ausência do funcionário da Superintendência de Manaus surgiu como uma possibilidade de ampliar a

contato, foi fundamental – segundo relato do administrador da unidade da FUNAI, na ocasião – a participação de um membro da Operação Anchieta-OPAN, confirmando a gravidade da situação. A FUNAI enviou, no mesmo dia, um funcionário para a área, e com apoio da Polícia Militar, retirou o "invasor".[10]

Pode-se dizer que isso ocorreu graças a uma conjunção de fatores que só foram possíveis de se concretizarem porque Carlos desempenhou, com sucesso, o previsível papel de um candidato a chefe, que atualizou, por meio dos recursos modernamente disponíveis – FUNAI, OPAN, Polícia Militar e outros –, a lógica Parintintin.

Para tentarmos ser mais claros, transcreveremos um trecho da entrevista com o funcionário da FUNAI que participou da operação, na qual ele descreve a atuação de Carlos na Delegacia de Polícia de Humaitá, para onde levaram o "invasor". Segundo afirmou, o desempenho de Carlos foi fundamental porque conseguiu mostrar ao Delegado com quem estava a "verdade":

> E na hora que o invasor argumentava que aquela área era dele e que ele tinha título, o Carlos espontaneamente entrava na discussão e confrontava o invasor. Esse invasor, o apelido dele é Jacaré. Confrontava essa posição dele contra-argumentando que os avós dele estavam ali na área há muito tempo. Que ele quando criança já pegou castanha ali. Que os parentes dele conheciam bem aquela área. Que ali era área de índio. Era a argumentação dele.

---

sua área de influência. De certo modo, para atender a esses interesses, a FUNAI de Porto Velho investiu no estreitamento de relações com o membro da agência religiosa Operação Anchieta – OPAN, que atua na região. Por solicitação e com apoio financeiro deste, foi realizada uma ação conjunta, em dezembro de 1989, que incluiu a Polícia Federal, a fim de resolver problemas de invasão de terra e saúde nas áreas indígenas do médio Madeira.

10. Cabe esclarecer que não existem dúvidas quanto à reivindicação dos índios em relação à área em questão. Ela se encontra parcialmente ocupada e existem relatos históricos dos Parintintin que apontam essa região como sendo um dos limites do território ocupado antes do contato, ocorrido em 1922. O que queremos sublinhar é que os fatos ocorridos, mesmo para os padrões da FUNAI, são pouco comuns e que, coincidentemente, atenderam aos propósitos de Carlos.

Conclusão

É possível e quase certo que os parentes de Carlos tenham tirado castanha nas Pupunhas, só que ele não os viu e muito menos estava lá quando pequeno. Ele nasceu e cresceu no Maicizinho de Calamas, em Rondônia. Essa região já foi abandonada por todos os Parintintin que lá moravam.

Está aí a chave do entendimento do comportamento de Carlos. Ele só obteve sucesso quando desistiu, por absoluta falta de opção, de questionar elementos que idealmente possibilitam à sociedade operar. O fato de não aceitar a autoridade do chefe faz parte da dialética Parintintin, pois o movimento que aglutina as pessoas, em torno de um indivíduo em um lugar, é o mesmo que as faz constituir novos grupos.

Noções como a de posse, que se contrapõe à tendência de movimentos constantes, passaram a ter importância capital após o estabelecimento de fronteiras para a sociedade Parintintin. Como já foi visto, todo indivíduo tem direito à posse do território ocupado e explorado pelo pai. Para se estabelecer nesse lugar é necessário pedir licença ao seu "dono" ou chefe.

Antes do contato, a história Parintintin mostra que novos aldeamentos eram constantemente formados, sempre nas terras "em frente de nós". Ou seja, nos limites do território ocupado. A possibilidade de insucesso em estabelecer ou mudar para esses aldeamentos era prevista, conforme indica essa noção de que, para morar em um local já explorado, basta pedir licença ao chefe. A figura mítica do *Tapiranuhu* demonstra esse princípio, ao apontar que o chefe tem como atribuição dar abrigo a quem precisa.

Já que Carlos não estava "no seu lugar", sua única possibilidade de formar um aldeamento era abrir um onde não existissem "donos" Parintintin. Para isso, necessariamente, teria que entrar em terras já ocupadas pelo "branco", possibilidade aberta com a definição da área pela FUNAI.

Hoje os moradores das Pupunhas são unânimes em afirmar que "as coisas vão se acalmar porque Carlos encontrou o seu lugar...". Só que Carlos assumiu a postura, junto a outros grupos como os Tenharim, de "cacique dos Parintintin." Ele foi o primeiro a assistir a uma reunião indígena convocada pela União das Nações Indígenas – UNI, assumindo o papel de representante de seu povo, onde foi identificado como "chefe dos Parintintin". Continuou, porém, tendo uma forte resistência às suas pretensões de liderança mais ampla dentro da comunidade do lago das Pupunhas. Vários

membros da comunidade se ressentiram do seu esforço de assumir a postura de chefe geral, papel que mal cabe nos padrões de liderança Parintintin. Uma vizinha de muito destaque na área do lago das Pupunhas comentou: "Ele vai gritando nas casas dos outros. Eu não grito nas casas dos outros."

Carlos conseguiu, porém, superar as dificuldades impostas pelos limites da reserva e pela situação atual, em que está cercada por colonos. Outros Parintintin tentam criar um novo grupo quando mudam-se para a cidade. Um indivíduo que consegue trabalho numa empresa tenta também obter emprego para outros Parintintin, passando a ser visto, de certo modo, como chefe daquele grupo, na cidade. Grupos como este, ou criados em situações similares, são transitórios e não têm condições de se reproduzir na maneira tradicional dos grupos locais.

Os Parintintin têm mostrado muita habilidade em adaptar seus padrões culturais às mudanças oriundas do contato. No entanto, são raras as possibilidades de um indivíduo ou grupo vivenciar situações como a de Carlos.

BIBLIOGRAFIA

SAHLINS, Marshall. 1990. *Ilhas de História.* Rio de Janeiro: Zahar.